

Obra/Vida: os Signos Justapostos na Pintura de Ubiratã Braga

Work / Life: the Signs Juxtaposed in Ubiratã Braga Painting

LUIZ EDUARDO ROBINSON ACHUTTI*

Artigo completo enviado a 13 de janeiro e aprovado a 24 de janeiro 2015.

*Artista Visual, Fotógrafo – Pesquisador em Antropologia Visual e Professor Universitário.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Artes (I.A.) Departamento de Artes Visuais (DAV), Rua Senhor dos Passos, 248. CEP 90020-180 – Centro – Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: robinson.achutti@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar a obra de Ubiratã Braga (Porto Alegre, 1965). Por meio de um “inventário” teórico, espacial e afetivo, busco retratar o pintor coletor de imagens, mas também trazer à luz seu estilo muito particular de trabalhar. Estilo que decorre obviamente de sua forma de ser, de ver o mundo, determinando a existência de uma obra peculiar hoje de reconhecido vigor criativo.

Palavras chave: pintura / processo / colagens / vida.

Abstract: *This article aims to present the work of Ubiratã Braga (Porto Alegre, 1965). Through an "inventory" theory, spatial and emotional seek to portray the image collector painter, but also bring to light your particular style of working. Style that stems obviously his way of being, of seeing the world, determining the existence of a peculiar work today creative force recognized.*

Keywords: *painting / process / collages / life.*

Introdução

O universo de trabalho dos artistas, seus valores e estilos de vida que levam, são fatores que conformam conteúdo e estética de suas obras e sempre me instigaram e me encantaram. Foram muitas vivências fotografando o cotidiano

de Iberê Camargo (Restinga Seca, Brasil, 1914-1993), Xico Stockinger (Traum, Áustria, 1919-2009), Maria Tomaselli (Innsbruck, Áustria, 1941), entre outros.

Iberê Camargo, considerado um dos maiores pintores do Brasil, uma pessoa forte, difícil, direta, artista de um trabalho visceral que pode acompanhar durante o último ano de vida e trabalho. Xico Stockinger – o escultor dos guerreiros de ferro e madeira, verdadeiro exército metafórico iniciado ainda nos tempos da ditadura, que ficou, de certa maneira, como sendo símbolo geral de sua obra. Maria Tomaselli, uma das maiores pintoras e desenhistas ainda em plena atividade, com muita potência poética, suas cores especiais, seu universo de casas e rostos, que atualmente desenvolve seu trabalho também em lonas de caminhão (Tiburi & Mattar, 2009).

O presente artigo almeja merecer a riqueza do mundo de Ubiratã Braga, um ainda jovem pintor de Porto Alegre. Inevitavelmente se estará, ao buscar um nexos, escrevendo sobre vida e obra, operando camadas, justapondo ideias, tempos e lugares por coerência e necessidade com relação a forma de trabalhar do artista (Figura 1 e Figura 2).

Para uma obra especial é fundamental uma abordagem e exposição formal por meio também da utilização de fotografias sucessivas, que possam tratar do universo de trabalho de Ubiratã Braga. Seu espaço e prática possuem características que são da ordem do inefável e, portanto, no limite dialogam mais à vontade com as imagens.

1. A Vida é feita de camadas de significados

Ubiratã Braga um pintor coletor de imagens. Ele que, enquanto iniciava a faculdade de Biologia, trabalhou como fotógrafo do Instituto geral de perícias no departamento de criminalística do Estado do Rio Grande do Sul – seu único emprego – e, adiante, buscou o desenho e a pintura, formando-se no bacharelado do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ele pode passar meses sem pintar, apenas coletando nas ruas imagens, quando cria uma espécie de banco de referências a serem utilizadas em suas pinturas na forma de colagens, concebidas como num transe criativo. Ubiratã afirma: “ – eu disponho de tempo, do meu tempo – eu gosto de olhar as formigas enquanto tem gente que prefere ir ao shopping.” (Ubiratã Braga, depoimento pessoal, janeiro 2015).

O artista está sempre numa inspiração autobiográfica e, no dia-a-dia, por opção, busca se aconchegar numa vida de certa forma solitária, sem dar assunto aos apelos externos – ele concentra-se em si e nos seus trabalhos para os quais reserva todas as suas energias. Quando curiosidades o apelam, sempre



Figura 1 · Atelier do artista Ubiratã Braga. Fonte: própria.

Figura 2 · Ubiratã Braga no seu atelier. Fonte: própria.

em função do trabalho artístico, ele então volta a ser um homem do campo científico, dos tempos da biologia, capaz de se dedicar semanas ou meses pesquisando, por exemplo, tudo sobre o desgaste dos materiais, sobre o mundo da ferrugem que pode ser induzida e/ou conquistada via a ação das intempéries dos dias (Figura 3 e Figura 4).

O expressionismo dá caráter a sua obra, e o artista não respeita o tempo no sentido de ser livre dele. Em certa medida Ubiratã, por circunstâncias várias, enfrenta períodos de crise quando fragmenta-se pessoalmente, aparentemente para de trabalhar, desconecta-se ainda mais de tudo a sua volta. Nestas ocasiões, na verdade, permite-se um mergulho para depois ressurgir como que reconstruído com sua arte, pela via de suas criações não programadas, das camadas de matérias e cores que agrega, cola, retoca, sobrepõe. Ele, ao perder forças quando levado a estados que remontam imaginários oriundos desde sua inquieta e complexa infância, na verdade está represando, acumulando o que se transformará em mais um quadro – um fôlego de vida que surgirá (Figura 5).

São diversos os materiais utilizados: fotos, desenhos, lonas, voais, papéis canson e vegetal, colas de toda ordem, lápis, bases acrílicas, químicos, pigmentos, óleo, óxidos, materiais ferruginosos. Trabalha na parede, no chão, recorta, sobrepõe, cola, apaga, remenda, repinta, inventa mais uma camada... Um incansável criador, conforme nos dá conta a curadora de sua recente exposição premiada:

Espaços picturais densos e simbólicos, resultado não de um projeto ou de uma intenção pré-estabelecida, mas do enfrentamento aos suportes e materiais, com a própria trajetória artística. Lentos e exigentes no processo, ora gritantes, ora sussurrantes na forma, os desenhos e pinturas de Ubiratã Braga (...) nascem como campos de experiência formal e expressão de afetos. Dão visibilidade, cada qual a seu modo, ao turbilhão de sentimentos, compreensões e lembranças que movem o artista, em sua tentativa de instaurar ordem ao que emerge como caos (Paula Ramos, curadora, convite da exposição).

2. Reconstruções de vida

O fotógrafo e antropólogo Pierre Verger¹, que viveu no Brasil, justificava sua prática como uma entrega corporal, quando tratou de discorrer sobre um dos seus impulsos inspiradores como “voir sans savoir”. No mesmo sentido, Ubiratã Braga inventa para si um jogo de quebra-cabeça, no qual nunca uma pintura é planejada ou por ele visualizada ao se deparar com a tela branca. Ele trabalha vários quadros ao mesmo tempo: uns ficam esquecidos, outros ressurgem, acidentes e migrações entre telas são bem-vindos – manchas, ação do tempo, ácidos, inusitados achados ao acaso, uma série de imponderáveis vão sobrepondo camadas aos signos de origem, muitas vezes transportados do mundo real na



Figura 3 · Os químicos no atelier. Fonte: própria.
Figura 4 · Matéria externa ao atelier. Fonte: própria.
Figura 5 · Ubiratã Braga, atelier do artista. Artista em criação. Fonte: própria.
Figura 6 · Atelier do artista, Ubiratã Braga em criação. Fonte: própria.

forma de fotografias, depois desobedecidas, oferecidas à sorte. E quando “nascem” seus quadros, são de uma gestação como a vida dos seres, quando imponderáveis, muitas vezes determinam as existências reais.

Depois de quinze anos sem expor e mesmo pouco ou nada comparecer em eventos e exposições, Ubiratã realizou sua exposição “Céus de Chumbo sobre Horizontes de Ferro” (2013, Casa De Cultura Mário Quintana, Porto Alegre) que recebeu em 2014 o mais importante prêmio de artes visuais – Prêmio Açorianos – da Cidade de Porto Alegre, onde sempre viveu.

O fascínio provocado no espectador de sua obra não depende tão somente dela. Requer um engajamento do interlocutor. Não que a obra por si só não se sustente, mas porque precisamos de tempo e dedicação para que ela possa nos fazer perceber as presenças que nela constam e indicar as ausências que também ali se encontram. Mesmo que identifiquemos elementos facilmente reconhecíveis, como os pregos, presentes em outros trabalhos do artista, ao dedicar-lhe o tempo necessário (variável de um indivíduo a outro), podemos nos questionar se o que enxergamos na obra é realmente aquilo que vemos ou aquilo que supostamente o artista quisera nos induzir a ver. (Goldschmidt, 2014).

O começo de um trabalho não necessariamente aponta resultado final. Há desvios, reviravoltas, hesitações. Via de regra são os imponderáveis, acasos, coincidências que assumem o comando que irá dando a direção. Como diz o próprio artista “o que eu penso só serve como mola propulsora, um gatilho para eu trabalhar, querer me expressar e dar significado a minha vida.” (Ubiratã Braga, depoimento pessoal, janeiro 2015).

Conclusão

Nos conhecemos há muitos anos, ficamos sem nos ver mais de dez. Este artigo surgiu de uma visita ao apartamento de Ubiratã Braga, seu refúgio, suas paredes cobertas de arte, de inúmeros artistas, as técnicas mais variadas. Apartamento térreo, pátio para cuidar seus cactos, também local de experiências com materiais diversos, passagem que conduz até seu atelier ao fundo. O ambiente é de paz, de pouca luz e muita paz, seu cachorro Walke me observa. Conversamos sobre a vida e a arte, sua arte (Figura 8, Figura 9, Figura 10).

Um grande artista, que não faz concessões a nada nem a ninguém. Sua arte o faz viver. São movimentos e decisões pictóricos vitais num trabalho orgânico que, se de alguma maneira partem do mundo, dos dias, de alguma imagem fotografada, uma ideia retomada, a continuação do processo criativo volta-se para o interno da alma e do espírito do artista. No uso de materiais distintos e imagens pré-existentes, junta-os criando espaços, articulando tensões entre materiais e

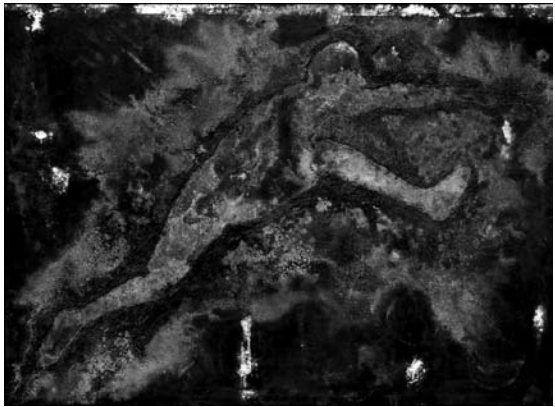


Figura 7 · Ubiratã Braga, Sem título, 2013.

Figura 8 · Apartamento e atelier de Ubiratã Braga.
Fonte própria.

Figura 9 · Ubiratã Braga, "Halo", 005/2012 -
132x190 cm. Coleção: Eloisa Tregnago, POA/RS.

Figura 10 · Ubiratã Braga, Salta Dor, 2012
140x190 cm. AST, Ubiratã Braga. Coleção: Paulo
Roberto Gaiger Ferreira, São Paulo – SP.

camadas que sobrepostas colaborem e não se apaguem uma as outras na sucessão em que vão acontecendo.

Espaços que convivem e disputam na mesma obra, materiais que merecem existir com transparência na mesma superfície plana. Assim, sem medir o risco, poderia afirmar que tudo se harmoniza nas cores e tons que hoje predominam no trabalho de Ubiratã. Na verdade não são cores, são sinfonias de tons próximos que homenageiam a terra de onde tudo surge, mas ao mesmo tempo evocam a desintegração do ferro onde ou por meio do qual tudo termina.

Referências

Goldschmidt, Cristiano (2014) "Uma obra que faz agitar a alma e tremer a carne" In *Cristiano Goldschmidt*. Blog. [Consult. 2015-01-13] Disponível em [www.cristianogoldschmidt.wordpress.com/2014/05/08/uma-obra-que-](http://www.cristianogoldschmidt.wordpress.com/2014/05/08/uma-obra-que-faz-agitar-a-alma-e-tremer-a-carne-2/)

[faz-agitar-a-alma-e-tremer-a-carne-2/](http://www.cristianogoldschmidt.wordpress.com/2014/05/08/uma-obra-que-faz-agitar-a-alma-e-tremer-a-carne-2/)
Marcia Tiburi, Denise Mattar (2009) (Ed.) *Maria Tomaselli*. São Paulo: Tiburi & Chui.
Ramos, Paula (2013) Catálogo da Exposição de 2013, Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre.